

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA
CAMPUS VII/CODÓ-MA
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/HISTÓRIA

KELLY LORRANY DE SOUSA LIMA

**ALMAS SOZINHAS: relatos de fé, memórias e patrimônio
cultural na cidade de Timbiras/MA**

CODÓ/MA

2021

KELLY LORRANY DE SOUSA LIMA

**ALMAS SOZINHAS: relatos de fé, memórias e patrimônio
cultural na cidade de Timbiras/MA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal do
Maranhão – UFMA, Campus VII – Codó, como
requisito para obtenção do título de licenciada
em Ciências Humanas – História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Liliane Faria Corrêa
Pinto

CODÓ/MA

2021

KELLY LORRANY DE SOUSA LIMA

ALMAS SOZINHAS: relatos de fé, memórias e patrimônio cultural na cidade de
Timbiras/MA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Federal do
Maranhão – UFMA, Campus VII – Codó, como
requisito para obtenção do título de licenciada
em Ciências Humanas – História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Liliane Faria Corrêa
Pinto

Aprovada ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora-Professora Doutora Liliane Faria Corrêa Pinto
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Professor Doutor Dilmar Kistemacher
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Professor Mestre Bruno Rogens Ramos Bezerra
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

CODÓ /MA

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais e minhas irmãs.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que até aqui guiou os meus caminhos e me abençoou com o dom da vida.

Agradeço aos meus pais, José Rodrigues e Elinalda Reis, por terem feito sempre o possível e o impossível por mim, pelos sábios conselhos, ensinamentos e principalmente pelo apoio que sempre me deram. Ao meu pai, meus sinceros obrigada! Pois sempre acreditou nos meus sonhos e acima de tudo me apoiou, mesmo não entendendo.

Agradeço a minha orientadora e amiga, Liliane Corrêa, que me ajudou, aconselhou, acalentou e me acalmou em vários momentos da vida acadêmica, obrigada! Você foi muito importante durante todo esse processo de aprendizado.

Agradeço a todos os meus amigos que me acalmaram, incentivaram e me apoiaram em todos os momentos angustiantes e que cheguei a querer desistir, agradeço a compreensão as palavras de carinhos e o companheirismo que cada um teve comigo, agradeço assim as minhas irmãs e amigas Evilly Sousa e Erika Jordana, que sempre acreditaram na minha capacidade. Antonia Tavares, uma grande amiga que a UFMA me deu e que foi também uma fonte de inspiração.

Agradeço a Amberson Rogers que além de companheiro foi também um bom amigo durante toda essa trajetória, sou muito grata pelo incentivo, confiança, compreensão, paciência e até mesmo pelas broncas. Obrigada por tudo!

Tuane Ravelly, que sempre me motivou e acalmou. Raniele Sousa, pelos belos conselhos e Gerlane Abreu por toda ajuda que me deu e também pelo incentivo.

Agradeço em especial a Fernanda Aguiar, uma grande amiga que a graduação me deu, que sempre esteve do meu lado, tanto na vida acadêmica quanto na vida pessoal, e foi à pessoa que mais me motivou em toda a trajetória dentro da universidade. Nossos laços vão além dos muros da UFMA, e sou muito grata a ela por tudo.

Agradeço a meu amigo Tassio Queiroz, uma pessoa maravilhosa que tive a sorte de ter ao meu lado durante todo o percurso dentro e fora dos muros da UFMA. Obrigada pela ajuda e principalmente pelo companheirismo.

Agradeço também aos meus chefes, Edmundo Luiz do Nascimento e Francisco Pereira de Barros por todo o apoio e a compreensão que tiveram comigo em todas as vezes que precisei me ausentar para concluir os estágios, ou até mesmo para ir a algum congresso ou algo que envolvesse a academia. Sou muito grata pelo apoio e incentivo, vocês foram muito importantes para mim nesse processo de formação.

Obrigada a todos os professores e professoras que contribuíram e fizeram parte da minha vida acadêmica, aprendi muito com cada um de vocês.

Gratidão a todas as pessoas que disponibilizaram um pouco do seu tempo para colaborar com suas histórias e relatos de fé para a composição desta pesquisa. Agradeço assim, ao senhor Francisco Antelius Sérvulo Vaz, conhecido como Riba do Arão, Márcio Vaz, Paula Silva, Maria das Graça, Evilly, Vanessa, Erika, Elinalda, Arnaldo.

Agradeço também a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Muito Obrigada!

“A cultura de um povo é o seu maior patrimônio. Preservá-la é resgatar a história, perpetuar valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato”

Nildo Lage

RESUMO

As Almas Sozinhas são uma forma de expressão patrimônio imaterial regional de Timbiras – MA, que se refere à história de um casal de apaixonados vindos do Ceará, na primeira metade do século XX. O amor era proibido pela família da noiva e chegaram à localidade com o intuito de se refugiarem, mas foram descobertos e assassinados. Após o assassinato do casal, foram enterrados na mesma cova e o local do crime ficou conhecido como “Almas Sozinhas”. Mais tarde, um povoado se formou ao redor túmulo do casal com o nome de Almas Sozinhas. Uma capela foi feita para homenagear os enamorados. Há algumas décadas, foi construído um imaginário em torno dessa história que se fundamenta na crença de que as Almas Sozinhas são milagrosas e concedem graças. Assim, a partir relatos de graças concedidas, se formou uma devoção no casal milagroso que curaria o corpo e a alma. Essa pesquisa tem como objetivo principal compreender a história dessa manifestação cultural e de sua relação com a fé, o patrimônio e a memória na cidade. A pesquisa de campo apresenta relatos de moradores de Timbiras assim como de não residentes da cidade sobre as diferentes versões sobre a história dos migrantes apaixonados, assim como dos milagres concedidos por eles.

Palavras-chave: Almas Sozinhas, Patrimônio Cultural, Memória, fé.

ABSTRACT

The Almas Sozinhas (Alone Souls) are a form of expression, regional immaterial cultural heritage of Timbiras – MA, which refers to the story of a couple in love from Ceará, in the first half of the 20th century. The bride's family forbade this love and the couple arrived in the locality with the intention of taking refuge, but they discovered them and they murdered them. After the couple's murder, they buried them in the same grave and the crime scene became known as "Almas Sozinhas". Later, a village formed around the couple's tomb with the name of "Almas Sozinhas". They built a chapel to honor those in love. A few decades ago, an imagery was built around that story based on the belief that the "Almas Sozinhas" are miraculous and grant graces. Thus, from reports of graces granted, a devotion was formed in the miraculous couple that would heal body and soul. This research aims to understand the history of this cultural manifestation and its relationship with faith, heritage and memory in the city. The field research presents reports from residents of Timbiras as well as non-residents of the city about the different versions of the history of passionate migrants, as well as the miracles granted by them.

Key-words: Alone Souls, Cultural Heritage, Memory, Faith.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Ofício das Paneleiras de Goiabeira/ES – 2002	22
FIGURA 2 - Arte Kusiwa – Pintura Corporal e Arte Gráfica Wajâpi/AP – 2002	23
FIGURA 3 – Círio de Nazaré Belém (PA) – 2004	24
FIGURA 4 - Cachoeira de Iauaretê – Lugar sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri/AM – 2006	25
FIGURA 5 – Localização da cidade de Timbiras – Maranhão	27
FIGURA 6 – Capela das Almas Sozinhas	32
FIGURA 7 – Ex-votos ofertados	38
FIGURA 8 – Ex-votos ofertados	38
FIGURA 9 – Ex-votos ofertados	38
FIGURA 10 – Ex-votos ofertados em madeira	38
FIGURA 11 - Décima romaria nas Almas Sozinhas realizada pela Legião de Maria da Cidade de Coroatá	39
FIGURA 12 – Capela das Almas Sozinhas no dia dos finados	39
FIGURA 13 - Sr. Antelius junto à capela das Almas Sozinhas	41
FIGURA 14 - Vista da capela das Almas Sozinhas com a indicação do ex-voto	43
FIGURA 15 - Vista da capela das Almas Sozinhas com a indicação do ex-voto	43

LISTA DE SIGLAS

HO – História Oral

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNESCO– União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	CONCEITO DE PATRIMÔNIO CULTURAL EM PERSPECTIVA	15
1.1	Patrimônio Material e Imaterial	15
1.2	Patrimônio Imaterial	17
1.3	Dossiê de Registro de Bens Imaterial	20
1.3.1	Livro de registro de saberes	22
1.3.2	Livro de registro das formas de expressão	23
1.3.3	Livro de registro das celebrações	24
1.3.4	Livro de registro de lugares	25
1.4	As Almas Sozinhas como forma de expressão do povo timbireense	25
2	ALMAS SOZINHAS – RELIGIOSIDADE E FÉ	26
2.1	Histórias, memória e oralidade em Almas Sozinhas	26
2.2	Almas Sozinhas: memórias e história oral	33
3	ALMAS SOZINHAS – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL	34
3.1	Votos e Ex-votos	34
3.2	Peregrinações	37
3.3	Graças Atendidas	39
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

INTRODUÇÃO

“Almas Sozinhas: relatos de fé, memórias e patrimônio cultural na cidade de Timbiras/MA” trata da história de um casal milagreiro conhecido como “Almas Sozinhas”, na cidade de Timbiras/MA. As Almas Sozinhas são tomadas nessa pesquisa como patrimônio cultural imaterial e uma forma de expressão do povo timbirense do início do século XX.

Na cidade de Timbiras/MA, nas primeiras décadas do século XX, apareceram relatos diferentes sobre um casal milagreiro que teria sido assassinado e enterrado na mesma cova no povoado das Almas Sozinhas. Acredita-se que eles concedem graças àqueles que pedem em oração. No final do século XX, no mesmo local foi construída, por um devoto desse casal, uma capela *in memoriam* aos namorados.

Durante o ano de 2019 iniciou-se a pesquisa para a realização deste trabalho cujo objetivo central é conhecer a história do casal de enamorados e a fé associada a eles e as suas relações com a memória e o patrimônio cultural. Partindo de pesquisas bibliográficas em documentos acerca da história da cidade de Timbiras, se encontrou o livro “Timbiras: Uma pérola da Ribeira do Itapecuru” (2006), escrito por Joseh Carlos Araújo, uma breve passagem que fala sobre a identidade cultural timbirense, enfatizando o início dos anos 200. Nessa breve passagem, o autor conta a história do casal milagreiro que ficou conhecido como Almas Sozinhas.

Além da pesquisa bibliográfica, foram feitas pesquisa de campo no povoado Almas Sozinhas, onde foi possível conversar com os moradores a fim de colher o máximo de informação possível para se entender a complexidade desta história. Foram feitas visitas à capela onde está o túmulo do casal e observamos outros túmulos ao redor da capela. Ali se formou o “Cemitério das Almas Sozinhas”. Ao adentrar o pequeno templo, nos deparamos com o jazigo centralizado e em sua volta alguns ex-votos ofertados pelos fiéis que tiveram suas graças atendidas: são pinturas, estatuetas e objetos doados aos milagreiros como forma de agradecimento. Em sua maioria são fotos de crianças, velas acesas, pedaços de cabelos, flores e partes do corpo humano esculpido em madeira. Cada artefato deixado ali representa a cura que os fiéis atribuem à interseção das Almas Sozinhas, pois foi obtida após um voto feito em momento de angústia.

Após as primeiras visitas, partimos para a pesquisa bibliográfica sobre a temática do patrimônio, disposta no primeiro capítulo, intitulado “Conceitos de Patrimônio”, que apresenta os conceitos básicos referentes ao patrimônio material e imaterial. Neste capítulo trabalhamos

a relação de patrimônio e memória com a construção das identidades culturais. Enfatiza a sua importância para a humanidade e as gerações futuras, bem como a necessidade de preservar os bens de natureza intangíveis.

Diferente do primeiro capítulo que teve suas bases sustentadas na pesquisa bibliográfica, o segundo capítulo se desenvolve a partir da análise de fontes orais e a interface com os estudos da memória e da história oral. Além dos conceitos de memória e história oral apresentados, o capítulo aborda o objetivo central da pesquisa: as Almas Sozinhas, enquanto parte da cultura religiosa e ato de fé timbireense, tomada como patrimônio cultural imaterial observando os diferentes relatos sobre a história do casal de enamorados que tiveram a vida interrompida por conta de um amor proibido.

Durante a pesquisa de campo foram entrevistados alguns devotos e pessoas que alegavam conhecer um pouco da história das Almas Sozinhas, além daqueles que se disponibilizaram a contar das suas graças obtidas por meio de votos feitos a eles. Foram encontradas diferentes versões sobre a trágica história que não estão documentadas em registros ou outros meios oficiais. São memórias individuais que se tornam coletivas ao serem reproduzidas.

O último capítulo relata os milagres concedidos pelas Almas Sozinhas. São as histórias dessas graças atendidas, narradas pela voz de devotos e fiéis e que mesmo depois de agraciados continuam indo ao túmulo para acender velas, rezar o terço, agradecer pelas conquistas, pela saúde e pela família, bem como fazer novas promessas aos milagreiros.

Por fim, nas considerações finais, apresentaremos a importância cultural que as Almas Sozinhas têm para o povo timbireense, assim como destacamos a importância da salvaguarda dessa manifestação pelo poder público regional.

1 CONCEITO DE PATRIMÔNIO CULTURAL EM PERSPECTIVA

Neste capítulo serão apresentados a trajetória e os conceitos aplicados ao patrimônio cultural em esfera mundial e nacional, procurando mostrar as suas mudanças e importância no decorrer dos anos, desde o século XVIII aos dias de hoje. O patrimônio em suas vertentes divide-se em bens de natureza material e imaterial. Tanto os bens de natureza material quanto imaterial são protegidos por leis que buscam preservar e salvaguardar seu valor histórico para a humanidade e as gerações futuras.

1.1 Patrimônio Material e Imaterial

A noção de patrimônio histórico bem como conhecemos hoje só conquista espessura a partir do século XIX, quando a história está sendo influenciada sob a égide de historiadores positivistas. Apesar de aderir consistência a partir do século XIX, a idéia de patrimônio histórico e artístico nacional e o sentido de propriedade coletiva surgiram durante a Revolução Francesa no século XVIII, e se tornaram um marco para a construção dos estados nacionais que se formavam durante o século XIX.

Em meio à Revolução Francesa, os revolucionários tinham como objetivo destruir os castelos, igrejas, templos, obras de artes e objetos pertencentes à nobreza. Intelectuais da época foram contra a idéia, pois concordavam que todos esses bens faziam parte da história da França e precisavam ser preservados para que, mais tarde, todos pudessem conhecer sua história. A noção de patrimônio surge, portanto, vinculada a noção de cidadania (IPHAN, 2006, p.14). Portanto, segundo Maria Cecília Londres Fonseca:

A idéia de posse coletiva como parte do exercício da cidadania inspirou a utilização do termo patrimônio para designar o conjunto de bens de valor cultural que passaram a ser propriedade da nação, ou seja, do conjunto de todos os cidadãos. A construção do que chamamos patrimônio histórico e artístico nacional partiu, portanto, de uma motivação prática – o novo estatuto de propriedade dos bens confiscados – e de uma motivação ideológica – a necessidade de ressemantizar esses bens. (FONSECA, 1997, p.58)

Buscando entender mais sobre o conceito de patrimônio, Françoise Choay (2001) afirma:

Patrimônio. Esta bela e muito antiga palavra estava, na origem ligada as estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico.), que fizeram dela um conceito “nómada”, prossegue hoje em dia um percurso diferente e notório. (CHOAY, 2001, p.11).

Contemplando seu valor histórico e cultural, o patrimônio ganha novos parâmetros que vão além do material e do palpável, o conceito de patrimônio começa a ganhar força no âmbito imaterial, ou seja, nas memórias guardadas de um povo.

Gonçalves (2002) enfatiza no livro *Memória e Patrimônio: Ensaio Contemporâneo*, que:

“Patrimônio” está entre as palavras que usamos com mais frequência no cotidiano. Falamos dos patrimônios econômicos e financeiros, dos patrimônios imobiliários; referimo-nos ao patrimônio econômico e financeiro de uma empresa, de um país, de uma família, de um indivíduo; usamos também a noção de patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos; sem falar nos chamados patrimônios intangíveis, de recente e oportuna formulação no Brasil. (GONÇALVES, 2002, pag. 25).

Nessas bases a concepção sobre o conceito de patrimônio está intimamente ligada com a memória e identidade cultural de um povo. Colocando, então, a importância da sua preservação relacionada com a memória coletiva de um povo. Segundo Pelegrini (2006):

As noções de patrimônio cultural estão vinculadas às de lembranças e de memória, que são fundamentais no que diz respeito a ações patrimonialistas, uma vez que os bens culturais são preservados em função da relação que mantêm com identidades culturais. (PELEGRINI, 2006, p.116).

Temos então o patrimônio de cultura material e o imaterial onde cada um expressa as características e a cultura de um determinado povo ou região. O patrimônio material é constituído por elementos concretos e palpáveis, podendo ser moveis ou imóveis. Os bens tombados de natureza imóveis são as estruturas físicas, bem como cidades consideradas históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos. Já os bens móveis são coleções arqueológicas, acervos musicológicos, documentais, fotográficos e videográficos. Segundo Le Goff (1984), os monumentos são construídos em geral por aqueles que detêm o poder, para serem lembrados no futuro por seus feitos heróicos, bravura ou amor às artes.

O patrimônio remete-se também a bens produzidos por nossos antepassados, como costumes, memórias e formas de expressão e saberes. Se o patrimônio cultural material se caracteriza por edificações, objetos e artefatos, o patrimônio cultural imaterial está voltado às representações, de costumes, de tradições e saberes, a fabricação de instrumentos, a cultura popular, as brincadeiras, as formas de expressão, as festas religiosas, etc.

Com a estruturação do conceito de patrimônio, foi elaborada a Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural (1972), realizada em Paris. Procurando assim salvaguarda monumentos de pedra e cal que fossem considerados importantes para a história de um povo. Portanto, o conceito de patrimônio histórico torna-se contemporâneo ao de nação estando inteiramente ligado ao processo de construção de nacionalidade.

1.2 Patrimônio Imaterial no Brasil

A narrativa da trajetória brasileira sobre as noções de patrimônio cultural imaterial está associada a um duplo impulso pautado na defesa e preservação da história e memória da sua nação. Com base na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO, que desde seu surgimento, após a Segunda Guerra Mundial, notabiliza-se pela defesa da riqueza humana resultante da diversidade cultural. Segundo Françoise Choay:

Patrimônio histórico. A expressão designa um bem estimado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, construído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalho e produto de todos os saberes savoir-faire dos seres humanos. (CHOAY, 2001, p.11).

Em 30 de novembro de 1937, ocorreu no Brasil a primeira ação normativa em favor da preservação de uma herança para as gerações futuras. Criando a figura do tombamento, fundado nas bases da função social da propriedade introduzida pela Constituição de 1934. Por meio da edição do Decreto – Lei nº 25. Posteriormente, a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216, ampliou o conceito de patrimônio estabelecido pelo Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, substituindo a nomeação Patrimônio Histórico e Artístico, por Patrimônio Cultural Brasileiro.

Para garantir a proteção do patrimônio brasileiro foi instituído o tombamento, que visa à preservação dos valores culturais inerentes ao bem móvel ou imóvel que são significativos para um grupo social, resguardando a sua história e importância para a construção de uma identidade. Para garantir a sua eficiência e proteção o Estado cria o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), instituído pelo mesmo Decreto.

Ao decorrer da história do Brasil tivemos sete Constituições, e a cada Constituição, trazia a preocupação em proteger o patrimônio brasileiro.

Em 1934, o Capítulo II, art. 148 — Da Educação e da Cultura — estabelece:

Art. 148 – Cabe à União, aos Estados e aos Municípios favorecer e animar o desenvolvimento das ciências, das artes, das letras e da cultura em geral, proteger os objetos de interesse histórico e o patrimônio artístico do país, bem como prestar assistência ao trabalhador intelectual.

Em 1937, no Capítulo Educação e Cultural, diz textualmente o artigo 134:

Art. 134. Os monumentos históricos, artísticos e naturais, assim como as paisagens ou os locais particularmente dotados pela natureza gozam da proteção e dos cuidados especiais da Nação, dos Estados e dos Municípios.

Em 1946, diz o art. 175: “As obras, monumentos e documentos de valor histórico e artístico, bem como os monumentos naturais, as paisagens e os locais dotados de particular beleza ficam sob a proteção do poder público”.

A Constituição Federal de o Governo Militar dizia, em 1967, artigo 172, § único:

“Art. 172. O amparo à cultura é dever do Estado. § único: Ficam sob a proteção especial do Poder Público os documentos, as obras e os locais de valor histórico ou artístico, os monumentos e as paisagens naturais notáveis, bem como as jazidas arqueológicas”.

Nota-se que o patrimônio cultural brasileiro estava voltado apenas para os monumentos e obras de valor artístico, além das paisagens naturais e sítios arqueológicos, vistos sobe um olhar precisamente técnico e elitista. Fazendo com que o IPHAN (substituto do SPHAN) sofresse duras críticas na década de 70.

Mesmo com os vários avanços os bens de natureza imaterial só foram reconhecidos na Constituição de 1988, sendo melhor trabalhado pelo Decreto 3.551/2000 que disciplinou o registro de bens culturais de natureza imaterial.

Com essas alterações foi incorporado o conceito de referência cultural. Entende-se por cultura todas as ações por meio das quais os povos expressam suas “formas de criar, fazer e viver” (Constituição Federal de 1988, art. 216). E apresenta o reconhecimento do patrimônio de caráter imaterial.

Art. 216. Constitui patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I – as formas de expressão;
- II – os modos de criar, fazer e viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Parágrafo 1. O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro por meio de registros, vigilâncias, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

Após toda a discussão acerca das leis de proteção e reconhecimento do patrimônio imaterial, surgem as inquietações sobre o conceito de patrimônio cultural imaterial, buscando entender suas bases e definições.

Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, patrimônio cultural de povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem a história, a memória e à identidade de um povo. O patrimônio cultural é tudo aquilo que possui significado para uma sociedade e representa uma identidade peculiar e que caracterize o sentimento de pertencimento. Engloba no patrimônio aspectos variados como: a

arquitetura, as lendas, as formas de expressões, os instrumentos de trabalho, as vestimentas, as festas, a religião, entre outros. Pode ser dividida em duas categorias: material e imaterial.

No patrimônio cultural de natureza material consiste segundo o Decreto-lei nº 25/1937, no conjunto de bens culturais móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arquitetônico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.

Por sua vez, o patrimônio imaterial é definido pela UNESCO como as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – com instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são postos – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos, reconhecem como parte integrante do seu patrimônio cultural. Segundo a UNESCO (2003), Patrimônio Cultural Imaterial compreende:

[As] práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados e que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Herdamos costumes e tradições de nossas gerações passadas que são transmitidos de geração a geração. O patrimônio tem a capacidade de estimular a memória das pessoas historicamente ligadas a ele, por isso visa-se tanto a sua preservação.

O patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (IPHAN, 2014).

Os indivíduos que tem enraizado em suas culturas as tradições patrimoniais desenvolvem um sentimento de pertencimento que ultrapassa gerações e se torna algo relevante para a sociedade. É o que acontece com os moradores do Povoado Almas Sozinhas, município de Timbiras – MA. Ali, há a história de um casal de apaixonados que fazem milagres. E, em torno dessa história, construiu-se um imaginário de fé e um sentimento de pertencimento que faz com que os residentes do povoado e da cidade se identifiquem com história e a transmitem de geração a geração, mantendo-a como uma tradição até os dias atuais.

1.3 Dossiês de Registro de bens imateriais

Com a vasta diversidade da cultura brasileira e também mundial, surge a necessidade histórica de conservar, preservar e salvaguardar nossas bases culturais populares, não visando apenas à preservação dos prédios e monumentos históricos. Os Dossiês de Registros vão além dos patrimônios de pedra e cal, eles adentram as formas de expressões e saberes que são construídos por nosso povo e ultrapassam gerações, formando assim a memória coletiva de uma nação.

A preocupação com a preservação e a valorização dos bens culturais tradicionais e populares teve seu início mais intensificado e discutido no cenário internacional logo após o acordo firmado entre diversos países durante a Convenção da UNESCO, sobre a Salvaguarda do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural em 1972. Entretanto, essa salvaguarda estava apenas pautada em termos de bens móveis ou imóveis, ou seja, conjuntos arquitetônicos e sítios urbanos ou naturais. Não visando, assim, os bens de natureza intangível.

Os países participantes da Convenção da UNESCO, sob a liderança da Bolívia, solicitaram formalmente a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO a elaboração de estudos que indicassem formas jurídicas de proteção e preservação para as manifestações da cultura tradicional e popular como sendo de importante relevância do Patrimônio Cultural da Humanidade.

A percepção de que conhecimentos e práticas culturais constituem bens de valor patrimonial e que são elementos fundamentais na construção de identidade e nacionalidade não é nova no Brasil. No Brasil essa concepção do conhecimento da importância da preservação das expressões populares na formação da identidade cultural de um povo remonta-se aos anos 30, onde já se fazia parte do contexto de criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

A preocupação em protegê-los começou no início do século XX. [...] No Brasil, as primeiras medidas oficiais surgiram em 1936, a partir do anteprojeto de Mário de Andrade e de alguns intelectuais da época, com suas concepções sobre arte, história, tradição e nação, através da criação do SPHAN. (ROCHA, 2012).

O anteprojeto apresentado por Mário de Andrade, em 1936, foi a pedido do ministro da época, Gustavo Capanema. Cujo objetivo principal era organizar um serviço voltado para a preservação do patrimônio, nascendo assim então à proposta de criação do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional – SPHAN. Tal iniciativa foi matricial para a consolidação do texto do Decreto-Lei 25/1937, proposto no ano seguinte por Rodrigo Melo Franco de Andrade. Por tal influência e colaboração, e intelectual Mário de Andrade recebe o reconhecimento até os dias atuais como o fundador das práticas de preservação cultural no Brasil.

Embora o projeto não tenha sido levado a efeito de longo tempo, teve suas bases retomadas nos anos 70 pelo Centro Nacional de Referência Cultural e, logo em seguida, pela Fundação Nacional Pró-Memória. Em tal período de tempo foram realizadas ações de registro bastante significativas onde propiciaram uma importante reflexão acerca das noções de preservação e salvaguarda do patrimônio cultural.

Preservá-lo então, pode ser uma medida eficaz para garantir que a sociedade tenha a oportunidade de conhecer sua própria história e de outros, por meio do patrimônio material, imaterial, arquitetônico ou edificado, arqueológico, artístico, religioso e da humanidade. Pois através da materialidade, o indivíduo consegue se realizar e afirmar sua identidade cultural, podendo também, reconstruir seu passado histórico (OLIVEIRA; LOURES OLIVEIRA, 2008).

Fica acordado então o patrimônio cultural material e imaterial como uma construção social que diz respeito a todos. O Decreto 3551/2000, datado de 04 de agosto de 2000, instituiu no Brasil o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. Tendo como objetivo ampliar o raio de proteção, preservação e valorização dos bens simbólicos do nosso povo. No decorrer desses 20 anos as políticas públicas voltadas para preservação foram de suma importância para as novas pesquisas e o aprimoramento para estabelecer conceitos e práticas de reconhecimento e valorização da história.

Fica exposto então no Decreto 3.551/2000, para o registro do bem de natureza imaterial a sua continuidade histórica e relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. (art.1º, §2º).

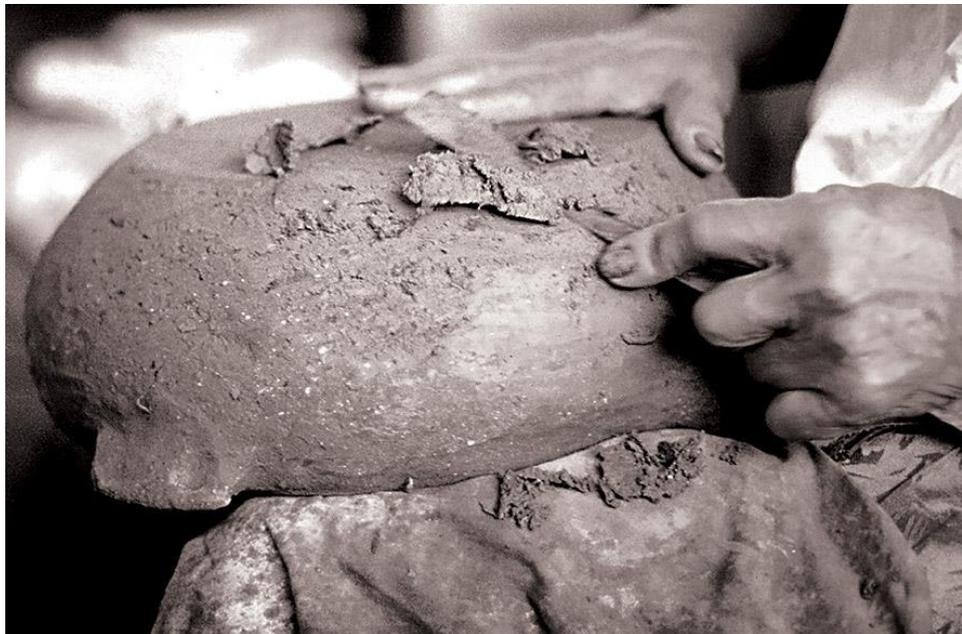
O registro corresponde à identificação e a produção de conhecimento sobre o bem cultural de natureza imaterial e equivale a documentar, pelos meios técnicos mais adequados, o passado e o presente dessas manifestações, com o objetivo de manter a memória desses bens culturais e de sua trajetória no tempo. (COSTA, CASTRO 2008, 127-128).

Temos aqui, portanto, algumas diretrizes de registro cujo objetivo é promover o mapeamento e a identificação dos bens culturais imateriais, o apoio a melhores condições da existência e continuidade da proteção do bem cultural e o desenvolvimento de bases institucionais, conceituais e técnicas de reconhecimento e valorização. O Inventário, o Registro, e as Ações de Apoio e fomento são os três processos que, relacionados entre si, mas não de forma obrigatória, compõem a política federal de salvaguarda do patrimônio imaterial brasileiro. E a cada um deles correspondem instrumentos específicos que viabilizam a execução das ações. (IPHAN).

Durante toda a trajetória para a criação de leis e projetos de preservação da cultura imaterial, foram feitos os livros de registro que se dividem em quatro categorias de inscrição: Registro de Saberes, Registro das Formas de Expressão, Registro de Lugares e Registro das Celebrações. Eles são pautados no pelo seu valor referencial para um determinado grupo social, e, também, no que tange à memória, história, identidade e a sua continuidade histórica. Temos como exemplo desses registros:

1.3.1 Livro de Registro de Saberes

Figura 1 - Ofício das Paneleiras de Goiabeira/ES – 2002



Fonte: IPHAN/ Márcio Vianna

O Ofício das Paneleiras de Goiabeiras foi o primeiro saber envolvido na fabricação artesanal de panelas de barro registrado pelo IPHAN como patrimônio imaterial no Livro de Registros dos Saberes em 2002.

A produção artesanal de panelas de barro em Goiabeiras Velha, realizada em Vitória no Espírito Santo é uma prática executada acima de tudo por mulheres que constituem um saber repassado de mãe para filha de geração a geração. A fabricação artesanal é também o meio de vida de trabalho e geração de renda de 120 famílias. Para a realização da produção das panelas de barro utiliza-se técnica cerâmica de origem indígena, acredita-se que possivelmente das tradições Tupi-Guarani e Una.

1.3.2 Livro de Registro das Formas de Expressão

Figura 2 - Arte Kusiwa – Pintura Corporal e Arte Gráfica Wajãpi/AP – 2002.



Fonte: IPHAN/Heitor Reali.

Em 2002 a Arte Kusiwa – Pintura Corporal e Arte Gráfica Wajãpi foi inscrita no Livro de Registros das Formas de Expressão como patrimônio imaterial, recebendo pela UNESCO no ano seguinte o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

A Arte Kusiwa é um sistema de representação gráfico próprio dos povos indígenas Wajãpi, do Amapá, que sintetiza seu modo particular de conhecer, conceber e agir sobre o universo. A Terra Indígena Wajãpi - demarcada e homologada em 1996 - é uma área muito preservada, onde vivem cerca de 1,1 mil indígenas, em 48 aldeias. Essa arte está vinculada à organização social, com uso adequado da terra indígena e o conhecimento tradicional. Os indígenas usam composições de padrões Kusiwa nas costas, na face e nos braços. A pintura é para todos os dias e quando os adultos se pintam, os jovens aprendem a fazer composições de kusiwarã no corpo. (IPHAN).

As pinturas fazem parte de uma forma única de comunicação desenvolvida através dos séculos pelos Wajãpi. Cada pintura que reflete uma visão diferente do mundo e da vida em comunidade.

1.3.3 Livro de Registro das Celebrações

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré é uma celebração religiosa que ocorre na cidade de Belém (PA), no ano de 2004 foi inscrita no Livro de Registro das Celebrações. Em dezembro de 2013 foi inscrita na Lista Representativa do Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO.

Figura 3 – Círio de Nazaré Belém (PA) - 2004



Fonte: <https://www.ciriodenazare.com.br/cirio/galeria> (Acesso em: 17/03/2021)

Iniciada em 1793, o Círio de Nazaré é uma celebração religiosa composta por vários rituais de devoção tanto religiosa quanto expressões culturais, tendo seu clímax durante a procissão que acontece no segundo domingo do mês de outubro. No estado do Pará, o Círio é o momento em que os fiéis demonstram sua total devoção e solidariedade, reiterando laços familiares, sociais e político.

Os elementos sagrados e profanos que marcam a festa configuram uma face múltipla, a que estão associadas diferentes significações decorrentes da diversidade das formas de inserção no evento, da apropriação simbólica e da diferenciação social dos participantes. A relevância do Círio de Nazaré como manifestação cultural pode ser reconhecida no longo e dinâmico processo que reitera e constrói essa celebração há mais de 200 anos. (IPHAN).

A celebração religiosa acontece em vários municípios do estado do Pará, dentre eles – Acará, Curuçá, Parauapebas e São João. Durante a festividade se cultua Nossa Senhora de Nazaré.

1.3.4 Livro de Registro de Lugares

A Cachoeira de Iauaretê ou Cachoeira da Onça (Cachoeira de Iauaretê - Lugar Sagrado dos Povos Indígenas dos Rios Uaupés e Papuri) corresponde a um lugar de referência fundamental para os povos indígenas que habitam a região banhada pelos rios Uaupés e Papuri, reunidos em dez comunidades, multiculturais na maioria, compostas pelas etnias de filiação linguística Tukano Oriental, Aruak e Maku. Sua inscrição no Livro de Registro dos Lugares foi realizada em 2006. (IPHAN, acesso em: 21 de julho de 2021)

Figura 4 - Cachoeira de Iauaretê – Lugar sagrado dos povos indígenas dos Rios Uaupés e Papuri/AM – 2006



Fonte: Acervo do IPHAN

Sendo assim, preservar e proteger o patrimônio cultural brasileiro significa dá mais força e visibilidade para as nossas referências culturais, dando assim o seu devido valor e reconhecimento para os diversos grupos sociais, respeitando toda sua complexidade. Os Dossiês de Registros além de promoverem a salvaguarda dos bens promovem também a sua apropriação simbólica e o seu desenvolvimento social e cultural do país.

1.4. As Almas Sozinhas como forma de expressão do povo timbireense

A partir do conceito de patrimônio tratado aqui, as Almas Sozinhas se consolidam como uma forma de expressão do povo timbirense. As formas de expressão são configuradas como as maneiras e formas pelas quais o ser humano manifesta suas crenças, costumes, tradições. É transmitida no tempo por meio dos ensinamentos e aprendizados contidos nelas. As histórias sobre as Almas Sozinhas, bem como os relatos de milagres, se perpetuam pela cidade de Timbiras há algumas gerações, formando um elo entre o passado e o presente, além de preservar a memória histórica local. Mesmo não sendo registrada pelo IPHAN como patrimônio, por ter um caráter regional, as Almas Sozinhas fazem parte da história dos timbirenses e são uma manifestação cuja população local se identifica. É um bem patrimonial cultural imaterial que pertence e desperta identidade dos moradores dessa região. Esse sentimento de pertencimento, a memória e o reconhecimento do casal milagreiro como símbolo importante de manifestação cultural de Timbiras os tornam um patrimônio cultural regional a ser salvaguardado pela população timbirense.

Neste capítulo mostramos as diferentes versões apresentadas sobre a história do casal milagreiro “Almas Sozinhas” que surgiu na cidade de Timbiras/MA no início do século XX, assim como a sua relação com a memória e a fé do povo timbirense. A história oral e a memória são a base deste capítulo.

2.1 Histórias, memória e oralidade em Almas Sozinhas

Na cidade de Timbiras/MA¹, entre o último quartel do século XIX e o primeiro do XX, apareceram relatos diferentes sobre um casal milagreiro que teria sido assassinado e enterrado na mesma cova no Povoado das Almas Sozinhas. Acredita-se que eles concedem graças àqueles que pedem em oração. No final do século XX, no mesmo local foi construída, por um devoto desse casal, uma capela *in memoriam* aos namorados. A partir dessa fé popular, há uma inquietação e um desejo em se saber como se originou a história e a relação desses fiéis com os milagres e seus milagreiros.

A figura seguinte mostra o mapa do Estado do Maranhão, destacando a localização exata da cidade de Timbiras.

Figura 5 – Localização da Cidade de Timbiras/MA



Fonte: [wikipedia.org/wiki/Timbiras_\(Maranhão\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Timbiras_(Maranh%C3%A3o)) Acesso em: 17/03/2021

Joseh Carlos Araújo é um memorialista da cidade de Timbiras que escreveu o livro *Timbiras: uma pérola da Ribeira do Itapecuru*. Nele, narra a história da cidade, personalidades

¹A cidade de timbiras localiza-se na mesorregião do leste maranhense, mais especificamente na microrregião de Codó, a 316 quilômetros da capital São Luís, a margem direita do Rio Itapecuru. Segundo o último Censo Demográfico do IBGE em 2019, a cidade possui 28.124 habitantes.

importantes da localidade e a história trágica do casal das “Almas Sozinhas”. Para ele, o episódio da morte do casal teria acontecido no início do século XX, o que corrobora com alguns relatos coletados.

O surgimento dessa espécie de tenda milagreira se deu por conta de um namoro proibido de um casal de jovens, filhos de fazendeiros abastados, e intrigados, do interior do Ceará no início do século passado. O casal resolveu fugir, levando sua felicidade pra muito longe dali. E os pais, jurando vingança pela amarga desfeita, se uniu em alucinada caçada aos dois; encontrando-os ao final, após longas e sofridas semanas para os quatro, sentados à beira do riacho do Santarém. O pai da moça matou o que era pra ser seu genro, e o do rapaz, matou a futura nora. Aí o requinte do mal: enterraram ambos na mesma cova, após tirar uma das orelhas de cada um deles; isso para confirmar aos parentes e a sociedade de que a desfeita tinha sido reparada de fato. Com o tempo, os milagres se multiplicaram e a peregrinação hoje é quase mensal, com missa paramentada agendada no calendário religioso da cidade. (ARAÚJO, 2006, p. 155 – 156).

Durante a pesquisa de campo no povoado Almas Sozinhas, foram constatadas várias versões da história e narrativas dos diversos milagres concedidos. Essas histórias foram passadas de geração a geração e não ficaram restritas apenas à cidade de Timbiras. Esse imaginário criado em torno das Almas Sozinhas fez nascer uma memória e uma identidade cultural em torno da fé no casal.

A história oral é um campo teórico metodológico que se fundamenta na memória do narrador, contribuindo para a construção da identidade pessoal do próprio detentor da narrativa e coletiva de uma determinada região. Pode sofrer algumas alterações com o passar dos anos, já que alguns detalhes, histórias e nomes podem ser esquecidos ou até mesmo modificados.

[...] ora, se existem múltiplos vestígios da memória, das inscrições em pedra, o testemunho oral é o documento mais adaptado por sua ambivalência. Os defeitos que lhe atribuem às distorções ou os esquecimentos tornam-se uma força e uma matéria histórica. (FERREIRA; AMADO, 2006, p.83)

Diante disso, a história oral possibilita uma vasta fonte de informações sobre um determinado assunto, o que é o caso das diferentes versões apresentadas em torno da história do casal milagreiro. As versões se diferenciam, principalmente, pelos personagens envolvidos no assassinato. Joseh Araújo afirma que o pai da moça matou o rapaz e o pai deste matou a jovem. Outros dizem que foi o inverso e em alguns relatos há menção ao pai e ao irmão da moça como responsáveis pelo crime.

Em 14 de julho de 2015, Maria das Graças da Silva Oliveira entrevistou o morador mais antigo da época do povoado, o senhor Antônio Carlos Pessoa Silva, de 81 anos.² Ele relata para

² Em 2019, não foi possível encontra-lo nos dias em que foram realizados os trabalhos de campo no povoado. Mais tarde, por causa da pandemia, tornou-se impossível entrevistar o senhor Antônio Carlos Pessoa Silva.

ela assuas memórias sobre a história do casal, porém não sabe ao certo o dia e o ano do assassinato dos jovens. Segundo ele, ao chegar ao município de Timbiras ainda criança, em 1946, este fato já havia acontecido. Próximo ao túmulo do casal, havia um tronco velho de uma árvore morta, aproximadamente, há dez anos. Acredita-se que este tronco teria sido o pé de caju que o casal teria usado como local de descanso e onde ocorreu a fatalidade. Ele reproduz uma conversa que teve com uma senhora idosa e ex-escrava sobre o caso. Ela teria contado que o casal veio do Ceará fugindo da família que não aceitava o relacionamento deles, por ele ser moreno e ela loira.

A narrativa tem elementos importantes da cultura brasileira e da literatura mundial, envolve o preconceito racial e um amor proibido. Assim como em outros enredos narrados pela literatura, como a trágica história de amor de Romeu e Julieta (SHAKESPEARE, 1597), ou o amor proibido de Páris e Helena (HOMERO, 2020), que despertou a ira dos deuses e dos homens, os amores citados tiveram finais trágicos. Dessa mesma forma, as Almas Sozinhas tiveram suas vidas interrompidas por causa de um amor não aceito. A característica brasileira nessa história está presente no preconceito racial, a proibição do amor estava na aparência deles, a moça era loira e o rapaz moreno.³

Durante a pesquisa de campo para a elaboração deste trabalho, foram feitas visitas ao povoado Almas Sozinhas, em especial, à capela que guarda o túmulo do casal. Nota-se que em frente à capela, há duas palmeiras de coco babaçu que aparentemente são da mesma raiz e os moradores acreditam que uma palmeira que não dá frutos representa o rapaz, enquanto a que dá frutos representa a moça.

Durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, a seca e a fome assolavam o Ceará, fazendo com que muitos cearenses migrassem para outros estados em busca de um novo lar e formas de subsistência.

O desejo do migrante nem sempre é de enriquecimento e fartura. O rumar ao Maranhão é, muitas vezes, mera estratégia de sobrevivência. Segundo seus próprios termos, muitos migram para “escapar”. A conquista de um propalado eldorado é realizada por uma minoria que logra, a partir de estratégias políticas e/ou do trabalho árduo, desfrutar das benesses da natureza e das possibilidades de lucro que a economia local propicia durante um período de média duração. (FERREIRA, 2015, p. 20).

Acredita-se, portanto, que o casal tenha seguido esses retirantes para o Maranhão na intenção de procurar um refúgio seguro onde pudessem descansar e posteriormente fazer residência. Tendo como sua última parada o local do assassinato.

³ O imaginário em torno de um amor proibido por motivos raciais poderia ser alvo de uma pesquisa mais complexa sobre a mentalidade do racismo no Brasil, mas que não cabe especificamente nessa monografia.

Ainda segundo o relato do Sr. Antônio Silva, por não conseguirem a benção e apoio de suas famílias, os dois decidiram viver esse amor proibido, fugindo da sua terra natal até chegar a nosso município Porém, o pai da moça acompanhado de um filho, decidiu vir pessoalmente atrás do casal. Segundo conta o Sr. Antônio, ao chegarem à localidade o pai da moça começou a bradar por informações acerca dos fugitivos, conseguindo, assim, saber sobre a passagem deles na localidade, encontrando o casal dormindo debaixo do pé de caju.

O pai e o irmão os assassinaram, o pai matou a filha e o irmão matou o jovem, para concluir a maldade, o pai decepou as orelhas, dos dois e raspou a própria barba e limpou nas roupas do rapaz em prova de honra e bravura. Em seguida pagou uma pataca fazendo menção ao dinheiro, para um homem conhecido como Amanso Cachoeira mandar um de seus escravos cavar uma única cova e os jogar dentro, sendo que ela de barriga para cima e ele de barriga para baixo em cima dela.

Esta passagem relatada pelo Sr. Antônio Carlos Pessoa Silva a Maria das Graças da Silva Oliveira, nos leva a fazer uma análise do tempo histórico a qual se passa o acontecido. Sabe-se que a história aconteceu no começo do século XX, não havendo assim escravos na região. Mesmo não estando em um período escravocrata, o imaginário da escravidão ainda era presente em determinadas regiões, fazendo com que os moradores mencionassem os ex-cativos livres como escravos, já que continuavam a trabalhar para alguns fazendeiros.

O crime e o tal ato do pai se configura como sendo crime de honra. O ato de levar as orelhas dos jovens era para mostrar que a desfeita causada por eles à família tinha sido vingada.

O senhor Antônio afirma ainda, ter conhecido um jovem delegado chamado Cariolando e que, ao descobrir o tumulo do casal, afirmou ser neto da irmã da moça assassinada e que eles eram da família Feitosa Cavalcante. Cariolando lhe contou esta história em 1969 e disse que os jovens eram de Crateús no Ceará. Os dois jovens pertenciam a famílias ricas, existindo apenas o preconceito racial por parte do pai da moça que não aceitava o jovem negro como genro.

Procurou-se registros de Cariolando na cidade de Timbiras – MA, mas não encontramos nenhum registro dele na delegacia, cartório, fórum ou outro meio documental. O único vestígio de sua passagem pela cidade são os relatos das pessoas que afirmam ter conhecido o delegado Cariolando, o descrevendo como um homem alto, branco e cabeludo.

O entrevistado conta que a terceira pessoa a ser enterrada próximo ao túmulo das almas foi a sua avó, em 1970, e que nessa época as pessoas já faziam promessas para o casal. Seu pai havia perdido uma vaca, fez uma promessa para as Almas Sozinhas e logo teve sua graça atendida.

No dia 24 de agosto de 2021, enquanto conversava sobre as Almas Sozinhas com colegas de trabalho, um dos envolvidos afirmou que conheceu um homem que contava ser o capataz responsável por matar o casal de jovens. O senhor Francisco Arnaldo Souza Alves afirma que o pai de uma tia distante, chamado de Amadeus Gomes, contava já idoso que, quando mais jovem, trabalhava em uma fazenda no Ceará e quando a moça filha do coronel fugiu com o amado, ele recebeu ordens do seu patrão para ir em busca do casal. Sua missão era trazer a moça de volta viva ou morta. Segundo ele, o senhor Amadeus Gomes seguiu em busca do casal fugitivo chegando à cidade de Timbiras em uma noite, e encontrando o casal no outro dia durante a tarde. Segundo Francisco Alves, Gomes contava que ainda tentou levar a jovem viva de volta para o Ceará, mas ela se recusou a voltar, agarrando-se ao namorado e dizendo que só o deixaria se fosse morta, assim, o capataz já cansado da busca atirou contra o casal. Francisco Arnaldo não soube datar o evento, mas afirmou que o senhor Amadeus Gomes fez residência em Coroatá, formou família e permaneceu na cidade até o dia de sua morte, no ano de 2005, devido a um câncer.

Após esse relato, entrevistamos o senhor Fernando Coutinho de Aguiar e Francisca Alves Coutinho, que conheceram o senhor Amadeus Gomes. Eles afirmam que o senhor Amadeus Gomes era na verdade o irmão da moça.

O que nos leva a fazer uma comparação com as outras versões onde dizem que o pai e o irmão da moça foram os responsáveis pelo crime. Até o presente momento ainda não conseguimos falar com parentes próximos para descobrir novas informações ou até mesmo descobrir a data de nascimento do senhor Amadeus, para assim se ter uma noção de quando pode ter ocorrido o crime. Podendo nos levar a supor que pode ter vindo a se passar nos anos 30.

Em entrevista concedida a mim, Kelly Lorrany de Sousa Lima no dia 08 de janeiro de 2021, o entrevistado Francisco Antelius Sérvulo Vaz, mais conhecido como Riba do Arão, nos conta que foi ele quem mandou construir a capela para as Almas Sozinhas como forma de agradecimento. Antelius, como gosta de ser chamado, nasceu na cidade de Caxias – MA no dia 01/01/1953 e mudou-se para Timbiras ainda criança, com 06 ou 08 anos de idade como enfatiza. Ele relata que quando chegou à localidade os moradores já contavam a história das Almas Sozinhas e conta que o local “era uma casinha de palha bem pequeninha, só tinha uma coberturazinha de taipa e uma vereda”, desde essa época em que chegou a cidade começou a peregrinar para as Almas Sozinhas e rezar para elas se tornando um devoto do casal milagreiro.

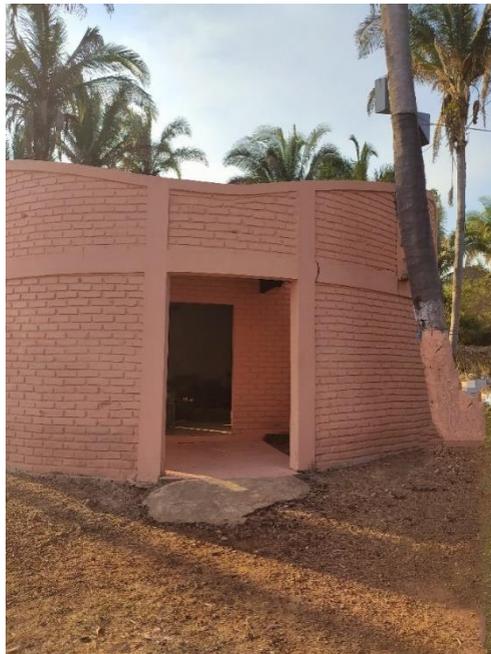
O senhor Antelius não se lembra exatamente quando, mas conta que um dia, caminhando pela localidade do povoado, se perdeu no mato fechado “*lembro-me que só havia*

mato, e eu acabei pegando uma vereda que não conhecia e me perdi, não conseguindo assim sair do lugar, e quando voltava para o caminho de origem um senhor apareceu e disse para mim não entra nesse mato dando novas coordenadas, eu entro onde ele indicou e quando me volto para ele não o encontro mais, mas continuei por onde ele me disse e finalmente consegui sair da mata”.

Por conta da sua devoção e fé depositada nas Almas Sozinhas, mandou construir a capela para eles, mas não se lembra em exato a data da construção. Ele é o responsável por mandar rezar a missa do 02 de novembro. Ele pagava para o padre ir às Almas Sozinhas, mas isso não é mais necessário, pois a capela já consta no calendário católico do município.

A seguir, indicamos a figura 6 que destaca a capela das Almas Sozinhas, podemos observar a sua estrutura e a entrada que dá acesso ao túmulo do casal.

Figura 6 – Capela das Almas Sozinhas



Fonte: Kelly Lorrany de Sousa Lima, 2021.

O senhor Antelius fala que a devoção pelas almas sozinhas não foi herdada dos pais e nem familiares. Segundo ele, sempre foi cristão e, quando conheceu a história do casal e teve suas graças atendidas, sentiu amor e gratidão pelos enamorados, depositando a sua fé neles. “Eles morreram por amor” e por isso o entrevistado é devoto deles. Antelius afirma que apenas ele em sua família é devoto das Almas Sozinhas, mas que todos os anos seus familiares e amigos participam da missa dia 02 de novembro.

Márcio Dhiego Borges Vaz, filho de Antelius, nascido no dia 06/01/1987 conta que desde pequeno escuta seu pai falar sobre a devoção que tem pelas Almas Sozinhas. Ele sempre

participou das missas, mas não é devoto como o pai “sou devoto de Nossa Senhora Aparecida”. Márcio conta que entende a devoção do pai, mas que não sabe o porquê das Almas serem entendidas como santas, pois para ele é a grande fé que as pessoas tem que faz acontecer os milagres.

Durante a pesquisa, ouvimos diferentes pessoas que relataram suas lembranças e memórias sobre a triste história do casal e suas graças atendidas. Os fiéis guardam na memória todas as ajudas que já receberam, trazendo sempre formas de retribuir e agradecer os milagres. A tradição é transmitida às novas gerações pela história oral.

2.2 Almas Sozinhas: memórias e história oral

As principais fontes de pesquisa desse trabalho são a memória coletiva e individual dos devotos e conhecedores da história e dos milagres atribuídos às Almas Sozinhas por meio da história oral. Verena Alberti afirma

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1990, p. 1-2)

A história oral remete-se especificamente a memória humana e a sua capacidade de reviver e reunir eventos que já tenham visto ou vivido. Entendemos, então, a memória como sendo a presença do passado, não em sua verdade total e absoluta, mas sim em suas parcialidades em decorrência da sua seletividade (THOMPSON, 1992).

Trabalhamos, nessa pesquisa, com a oralidade e a memória como procedimentos metodológicos para registrar impressões, vivências e lembranças dos indivíduos que compartilham sua memória com a coletividade.

Considera-se a memória importante para a construção dessas identidades, pois é através dela que conhecemos os acontecimentos passados e preservamos as informações importantes para as futuras gerações. A memória coletiva e individual da sociedade timbireNSE acerca das Almas Sozinhas colaborou para a consolidação da fé e da religiosidade de diferentes gerações, atraindo jovens e adultos por meio das histórias das graças atendidas e até mesmo pelo triste fim do casal. Para Le Goff (2007), a memória acaba por estabelecer um vínculo entre as gerações humanas e o “tempo histórico que as acompanha”.

Segundo Pollak (1992), a memória pode ser classificada como seletiva, pois nem tudo de fato fica registrado. Ela acaba por sofrer algumas alterações que ocorrem como consequência do momento em que ela está sendo articulada e a memória é construída. Tal fato pôde-se notar durante a pesquisa de campo e das entrevistas, em que as versões sobre a história das Almas Sozinhas sofreram alterações, resultado das vezes que foram repassadas ou pelo esquecimento de detalhes, suas lembranças e inferências coletivas. Alguns moradores relatam que não se lembram mais da história, que com o tempo “a memória vai falhando”, e o que foi repassado vira herança cultural.

O sentido de patrimônio cultural e memória estão intimamente ligados. Segundo Pelegrini (2006), as noções de patrimônio cultural estão vinculadas as de lembranças e de memória que são fundamentais no que diz respeito a ações patrimonialistas, uma vez que os bens culturais são preservados em função da relação que mantém com as identidades culturais.

Portanto, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. Memórias individuais e coletivas se confundem; podendo se modificar. Portanto, estamos sujeitos a influências, bem como a influenciar os grupos a que pertencemos e com os quais nos identificamos.

3 ALMAS SOZINHAS – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Neste capítulo apresentaremos os votos e ex-votos, ou seja, as promessas e os agradecimentos, enfatizando as graças concedidas pelas Almas Sozinhas a seus devotos e fiéis, apresentando autores que estudam a temática, assim como relatos pessoais de conhecedores dos milagres das almas.

3.1 Votos e Ex-votos

Votos e ex-votos, cuja palavra originaria do latim *votu* significa promessa e/ou pedido feito a alguém ou a algo (MOTA, 1968), são as promessas e milagres que contemplam a mútua

troca de dons entre o humano e o divino dentro do âmbito religioso. Tais dádivas trocadas acontecem por meio de atividade corporal e/ou uma oferta material, onde o indivíduo em particular agradece à entidade divina que o acode em momentos de angústia e/ou problemas de saúde.

Os ex-votos ou taboas votivas, como também são conhecidos, podem ser representados por quadros de pequenas dimensões como cita Abreu (2005) ou vários tipos de objetos – fitas, laços, cartões, fios de cabelos, retratos, objetos de valor material. Porém as representações do corpo humano são as mais frequentes, podendo ser reproduzidas em gesso, cera, plástico ou madeira (BOTELHO, 2013).

Segundo Lélia Frota,

[...] o jogo de se fazer um pedido, receber uma graça e pagar o alcançado; o apelo ao sentimentalismo através de representações de dor; o clima de crise, tragédias e dramaticidade; a religiosidade; os opostos doença e cura, pedido e milagre; o reconhecimento ao homem por Deus de sua fé e devoção; o homem dominado pela ordem natural das coisas, vulnerável às vontades divinas; enfim, o ex-voto é mais um elemento na retórica barroca. (FROTA, 1981, p. 78).

Frota analisa a relação entre a graça recebida ao fiel e sua obrigação em cumprir o combinado por meio do ex-voto. Há sempre o receio por parte do agraciado em perder seu milagre se descumprir a promessa. Nesse sentido, a contraposição entre o sagrado e o profano sustenta os ex-votos.

O agradecimento é um ato de fé que interliga a história do fiel perante o dever com o sagrado, é um vínculo selado através da promessa, algo que não se desfaz enquanto a dívida com o santo não for paga. Acredita-se que quando a promessa deixa de ser paga após a graça consentida, o devoto deixa de ter seus pedidos atendidos, tendo a sua palavra desacreditada, podendo até sofrer consequências ruins ou castigo divino. Teixeira (et al) afirma:

O cumprimento da promessa enfatiza o caráter testemunhal da dádiva privada, sendo realizado, na maioria das vezes, na presença de outra pessoa. Apesar do pedido que o devoto faça à divindade ser feito de forma privada e individual, o agradecimento da graça alcançada possui caráter público tanto no que se refere à exposição do ex-voto na sala de milagres quanto à condição testemunhal de desobrigação do voto que envolve a prática votiva. (TEIXEIRA, et al, 2010, p. 123).

Ainda sobre o cumprimento da promessa, Duarte afirma:

Pode-se dizer que a promessa, da forma que se conhece na religiosidade católica, é criada no imaginário do promesheiro. Remete inicialmente a uma espécie de aliança, na qual as duas partes possuem compromissos a serem cumpridos. O devoto faz o pedido, em gratidão oferece um ex-voto ou outra forma de agradecimento, e a entidade divina fica com o encargo de conceder a graça. No entanto, sabe-se que essa aliança é feita num ato mental ou por carta escrita pelo devoto. As entidades intercessoras só

responderão seu pedido numa contabilidade depositada pela fé, esperança do promesseiro. Nessa aliança, a fé é mais que uma atitude interior daquele que crê. (DUARTE, 2011. p. 70).

Portanto, a idéia de ex-voto é entendida como um compromisso contratual público com o santo protetor, o devoto por meio dos relatos de seus milagres divulga as graças atendidas para a sociedade, fazendo assim com que outros religiosos tenham conhecimento sobre os milagres que o santo, ou determinado local sagrado concede.

Tais práticas religiosas ocorrem desde a antiguidade greco-romana, quando esses povos agradeciam aos deuses pelos acontecimentos considerados milagrosos, sendo pagos com oferendas e cultos. No Brasil, esse costume remonta ao período colonial, mas ainda permanecem na atualidade em grandes santuários de peregrinação religiosa, igrejas e pequenas capelas espalhadas pelo país.

Para Mircea Eliade (1992), a história das religiões é constituída por um número considerável de hierofanias que são aparecimentos ou manifestações reveladoras do sagrado.

A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”. (ELIADE, 1992, p.13).

Nesta concepção entre o sagrado, que é a graça concedida, e o profano que é o objeto do ex-voto, está a hierofania mencionada por Eliade. Para os devotos das Almas Sozinhas, elas manifestam o sagrado por meio do atendimento dos pedidos e seus devotos fazem a contrapartida na entrega do ex-voto na capela.

No povoado das Almas Sozinhas, as promessas são pagas na capela dedicada ao casal milagreiro. Segundo Abreu e Oliveira (2005)

Os ex-votos são oferendas ou inscrições entregues em lugares sagrados, como igrejas ou capelas, após um voto ter sido atendido pelos santos invocados, constituindo-se a partir da fé e da crença uma prática de significar socialmente o valor dos problemas cotidianos e de suas resoluções, bem como das conquistas e superações das intempéries ligadas à família, ao trabalho, aos deslocamentos geográficos e, particularmente, às desaventuranças dos processos de vivência da dor ligada ao adoecimento, às perdas e à morte, enfim, dos desafios com os quais os sujeitos se confrontam em suas vidas. Assim, o ex-voto reflete mentalidades coletivas no contexto histórico, modos humanos de existir. (ABREU; OLIVEIRA, 2005).

A fé no casal milagreiro remete às “desaventuranças” que eles experimentaram quando vivos e, mediante o sofrimento deles, depois de mortos, são capazes de interceder perante a divindade para amenizar os problemas que seus fiéis vivenciam.

A seguir, indicamos quatro figuras dos ex-votos dispostos na capela da Almas Sozinhas, em Timbiras / MA (Figura 7, 8, 9 10). À esquerda (figura 7), observamos velas acesas dispostas no chão, na prateleira de cima há cabeças, bonecos, pernas e pés em madeira, na debaixo, vasos de flores e retratos de santos. Na parede, há preces, pedidos e nomes de pessoas escritos. Na imagem da direita (figura 8), e possível observar um boneco de madeira no centro da foto, na parede uma fotografia de um bebê, no chão cruces de madeira e na prateleira flores de plástico, imagens de santo e cartas. Na figura 9, abaixo e à esquerda, há uma vista geral da capela e a figura 10, abaixo e à direita, os ex-votos em madeira, com pernas e pés dispostos no chão e sobre eles, flores de plástico e tecido.

Figura 7 e 8 – Ex-votos ofertados



Fonte: Kelly Lorrany, 2021.



Fonte: Kelly Lorrany, 2021.

Figura 9 e 10 – Ex-votos oferecidos em madeira



Fonte: Kelly Lorrany, 2019



Fonte: Kelly Lorrany, 2019

3.2 Peregrinações

Como pagamento pelas graças concedidas, alguns fiéis fazem peregrinações à capela das Almas Sozinhas. Segundo Scarano, “a peregrinação visa, ao lado do agradecimento dos favores recebidos, a oportunidade de pedir” (SCARANO, 2004, p. 31). Afirma que “a romaria é o processo em andamento, um relacionar-se com o Alto, que se vê reiterado e mais aceito pela participação coletiva” (SCARANO, 2004, p. 31 e 32).

As peregrinações se tornam mais frequentes na Idade Média e tem como característica a relação com o espaço, numa referência espaço sagrado, que é experimentado no fim do percurso, mas também nas expiações que acontecem durante o trajeto. Esse esforço é reconhecido pela divindade que agracia o fiel com a satisfação do seu pedido (SOT apud JESUZ).

As peregrinações ao povoado das Almas Sozinhas acontecem, em sua maioria, no dia 02 de novembro de cada ano, dia dos finados, com o intuito de participar da missa que acontece na capela. Alguns comparecem individualmente para acender velas e fazer suas preces, agradecer, pagar suas promessas e até fazer novos pedidos.

Em geral, a peregrinação as Almas Sozinhas, ganha expressão a cada ano considerando a formação do cemitério do povoado, especialmente porque um cemitério se formou em volta da capela, atualmente com mais de cem túmulos. Durante o dia de finados, pessoas que tem seus entes queridos enterrados no Povoado Almas Sozinhas, vão ao local limpar os túmulos e acender velas para seus familiares e, conseqüentemente, também acendem para o casal de enamorados e costumam pedir proteção e rezar para eles.

Figura 11 - Décima romaria nas Almas Sozinhas realizada pela Legião de Maria da Cidade de Coroatá



Fonte: Silvio Ramon, 2014

Figura 12 – Capela das Almas Sozinhas no dia dos finados



Fonte: Silvio Ramon, 2015

3.3 Graças atendidas

Na Idade Média os acontecimentos considerados milagrosos atribuídos a santos, locais sagrados e relíquias, tiveram um salto significativo, o que elevou de forma positiva a imagem da Igreja Católica. No século XVII, na época da contrarreforma, intensificou-se a fé nos milagres, mas, posteriormente, com as conquistas da ciência moderna, modificou-se a atitude da igreja católica perante esses fenômenos. Embora mantenha a fé nos milagres realizados pelos santos, passou a exigir maior rigor na comprovação da veracidade e da origem natural de cada caso. A partir do século XIX, resgatou-se a fé nos milagres, especialmente com referência às curas milagrosas. De lá para cá, a fé nos milagres tem aumentado de maneira considerável (DEL PRIORE, 1994, p. 64).

Mary Del Priore afirma que o divino, na fé católica, se faz presente no mundo físico através da imagem dos santos e das representações dos milagres concedidos para aqueles que, em ato de fé, elevam suas preces ao ser divino, na esperança de receber a intercessão junto à Santíssima Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo (DEL PRIORE, 1994, p.67).

As graças atendidas pelas Almas Sozinhas, no povoado das Almas Sozinhas, em Timbiras / MA são os milagres atribuídos ao casal, ou seja, a manifestação do divino no mundo físico a partir da graça concedida. Segundo Duarte,

“Histórias de milagres – curas, mágicas, aparições, estigmas, constam em todas as religiões como prova do poder divino exercido sobre a natureza e a vida humana. O milagre é um acontecimento que não se explica por causas naturais, atribuído à ação do divino”. (DUARTE, 2011, p. 46).

Um dos fiéis que recebeu as graças do casal é o senhor Francisco Antelius Sérvulo Vaz. Como agradecimento por todos os milagres concedidos a ele durante toda a sua vida, ele construiu a capela das Almas Sozinhas no povoado. Antelius afirma que desde criança começou a rezar para as almas e até hoje é devoto delas. Segundo ele, “*sempre rezei, todos os meus problemas (...) e que eu não posso também resolver, elas me ajudam, sempre. É um elo de ligação que a gente tem muito grande com Deus*”. Essa devoção e esse sentimento de pertencimento não vêm apenas de um devoto, mas sim de todos os que relatam os milagres do casal.

A figura a seguir, mostra o construtor da capela, o senhor Antelius Vaz. A figura em questão retrata uma visita que o senhor Vaz fez as Almas Sozinhas para uma vistoria junto com os funcionários públicos da prefeitura municipal de Timbiras.

Figura 13 – Sr. Antelius junto à capela das Almas Sozinhas



Fonte: Kelly Lorrany, 2021.

Com uma construção moderna, o interior da capela das Almas Sozinhas possui em seu interior apenas o túmulo do casal, que está centralizado no meio da edificação, podendo ser visualizada assim que se chega em frente a pequena capela como podemos observar na figura 10 (p. 37). E no contexto das graças concedidas pelo casal milagreiro na cidade de Timbiras, como aconteceu com o próprio construtor do templo, que a capela das Almas Sozinhas se torna um lugar de fé, peregrinação e culto religioso.

O Sr. Antelius tem um amor e uma devoção muito intensos com as Almas Sozinhas e sua narrativa da experiência das graças recebidas é relatada com entusiasmo. Todos os anos, no dia dos finados, Antelius faz um café da manhã, para a comunidade e sua família e seus amigos mais próximos vem de São Luís e Teresina para participarem do desjejum. Todos comungam da mesma fé. Segundo ele,

[...] tenho vários milagres realizados por eles, mas vou lhe contar o último. O último eu tive COVID passei seis dias no hospital São Domingos em São Luís, desses seis dias três eu passei na UTI, o meu filho que é médico passou e perguntou para os médicos qual a possibilidade de eu ser entubado os médicos responderam que era 5%, mas quando foi à noite eu já fui entubado aí fui pra São Paulo, passei oito dias entubado, passei mais dois dias na UTI, mas oito dias na semi-UTI, passei vinte e seis dias no hospital Sírio-libanês em São Paulo, e tudo isso, nessa minha sobrevivência, minha vida e uma chance que Deus me deu foi através delas. [...] até ser entubado eu me apegava a elas eu pedia, depois eu não vi mais nada. Mas eu tinha certeza absoluta que eu não morreria [...]

[...] esse foi o último, passei no vestibular foi assim, fiz minha faculdade foi assim, tudo na minha vida que eu vou fazer é sempre as almas sozinhas que estão na frente. E quando eu tenho alguma dúvida, eu não tenho segurança na minha decisão eu peço a elas para que elas me orientem da melhor maneira possível, e graças a Deus até hoje eu só tenho que agradecer, eu sou muito grato [...] (VAZ, 2021)

O encontro com o entrevistado foi durante uma visita à capela das Almas Sozinhas, onde ele e o seu filho, juntamente com o Sr. Gilvan Carvalho, Procurador Geral do Município de Timbiras e o Sr. Mariano Silva, Secretário Adjunto de Infraestrutura, visitavam as Almas Sozinhas para vistoriar uma nova área atrás da capela para ver a possibilidade da construção de um novo local para realização das missas. O senhor Antelius buscou junto ao Prefeito de Timbiras a licença para esta nova construção, já que é área pertencente ao município⁴. Esse novo local também é uma forma de agradecimento. Segundo o devoto,

[...] então, em função de tudo isso, e de Deus ser realmente católico e devoto das almas, eu me apeguei muito e me apego muito, tanto que estou hoje aqui pedindo licença pro prefeito pra gente fazer uma área maior, tipo uma praça com altar e uma arquibancada pra termos a maior liberdade de fazer uma missa, que nós fazemos todo o dia dois de novembro que é dia dos finados, certo, e onde a gente tá aqui hoje não temos condições que fica muito próximo da pista, e antigamente não tinha muitos veículos passando aqui esse fluxo de veículos que existe hoje [...]

Os devotos se amparam na fé pelas Almas Sozinhas em momentos de angústia e sofrimento, buscando assim por meio de promessas ter sua saúde ou a de um ente querido restabelecida. Paula Silva Machado, residente da cidade de Timbiras/MA, diz não se considerar devota das almas, porém nos conta que mesmo não sendo devota, acredita que as Almas Sozinhas fazem milagres. Salienta que em um momento de sofrimento pediu às Almas Sozinhas. Paula Machado conta:

No começo do ano de 2018 senti fortes dores no meu peito direito, pois foi aí que eu achei que não estava nada certo e decidir me consultar aí o médico me passou uma com, fiz essa ultrassom, pois tinha um nódulo que já estava do tamanho de uma azeitona, aí mostrei para um médico chamado Dr. Pierre ele pediu que eu fizesse uma mamografia fiquei quase louca pensando só o pior eu chorava dia e noite desesperada. Foi aí que decidir mostrar meus exames para o Dr. Bel ele disse que não era pra eu ter

⁴Apesar do município não ter registrado as Almas Sozinhas como patrimônio imaterial regional, a presença dos funcionários e o processo de doação do terreno podem ser considerados indiretamente como uma forma de salvaguarda desse bem.

feito mamografia não, pois minha idade não permitia (23 anos) fiz vários exames de sangue, pois ele optou pela cirurgia logo. Este nódulo foi causado por eu ter muito leite ai peguei pancada da cabeça do neném ai ficou um nódulo. Quando o Dr. Bel falou que ia fazer a cirurgia fiquei louca pensando só no pior. Fiz a cirurgia em agosto de 2018, ai ele falou que o nódulo poderia voltar. Foi ai que minha fé falou mais alto fui lá nas almas sozinhas diante do tumulo e pedi que este nódulo nunca mais voltasse por que eu não queria passar por isso novamente. Já estou mais de ano que fiz a cirurgia e não sinto nada no meu peito fiquei livre definitivamente desse nódulo. Levei 5 caixas de velas acendi e orei bastante, agradecendo por eu ter ficado livre, fiz um molde de gesso do meu peito e deixei na capela das almas sozinhas como um modo de agradecer por tudo. (MACHADO, 25 anos).

Para o agraciado pelo milagre, o ato de entregar o ex-voto é também uma forma de se conectar mais uma vez com o sagrado, entrando assim em sintonia com o divino, onde mais uma vez reforça sua fé e gratidão perante o sobrenatural. Na figura 12, disposta abaixo, está o ex-voto de Paula Machado.

Figura 14 e 15 – Vista da capela das Almas Sozinhas com a indicação do ex-voto



Fonte: Kelly Lorrany, 2019

Em um novo relato colhido acerca dos milagres das almas sozinhas, a entrevistada residente da cidade de Santa Luzia do Tide, que pediu para não ser identificada, relata:

No ano de 2008 no dia 20 de novembro às 6 horas da tarde fiz uma prece às almas sozinhas; no entanto num período de menos de 30 dias fui imediatamente atendida. Ofereci a elas uma vela de 21 dias, que eu iria vestir branco e rezar o terço no túmulo delas no dia de pagar a promessa será numa segunda-feira, na cidade de Timbiras. Assim que passar a pandemia irei imediatamente pagar a promessa.

Acontecimentos fora da normalidade que advém do sobrenatural, como eventos de hierofanias, aparições e as histórias sobre as Almas Sozinhas e seus milagres, marcaram de forma positiva e definitiva a formação das crenças e devoções envoltas no imaginário do casal de enamorados assassinados. O alto alcance da propagação da história dos milagres pode ser representado pelas pessoas residentes de outras cidades que vêm a Timbiras para pagar suas promessas.

Segundo Mary Del Priore (1994), o milagre une o povo, as “gentes” a Deus, por meio do encanto e do maravilhamento. Essas situações incomum ficavam marcadamente registradas na memória popular, como algo parecido com uma aliança entre Deus e o povo.

Como frisa o senhor Francisco Antelius Servulo Vaz, “as almas sozinhas e o devoto têm um elo com Deus”.

[..] as almas tem uma história muito importante pra mim, na minha formação, no meu amor em tudo na minha vida ela participa, certo, eu já vim aqui a pé várias e várias vezes, já vim de bicicleta várias e várias vezes, já vim de carro várias e várias vezes e só não nunca vim de avião por que infelizmente não tem pista [...] (VAZ, 2021, 68 anos).

Outro relato é de Elinalda Reis de Sousa, que já fez promessas de todos os tipos para as Almas Sozinhas.

No dia 31 de outubro de 1999, meu marido levou um tiro acidental e por diversas vezes foi dado como morto pelos médicos. Eu estava grávida da minha terceira filha, e em meio ao desespero me apeguei com as Almas Sozinhas, pedi pela vida do meu marido e fizemos uma promessa, se ele sobrevivesse nos iríamos acender 5 maços de velas e soltaríamos uma caixa de foguetes, e ele sobreviveu, nós fomos a pé para as Almas Sozinhas pagar a promessa.

Ainda segundo a senhora Elinalda Reis, no ano de 2018, ela novamente fez uma promessa pedindo pela saúde da sua filha primogênita que se encontrava internada há 4 dias no Hospital Geral de Timbiras. Ela prometeu que rezaria um terço e acenderia velas. Após a melhora voltou para casa e foram pagar a promessa na mesma tarde.

Uma outra entrevistada que não quis se identificar relata que:

Um dos meus votos para as almas sozinhas foi que se as minhas dores nas pernas passassem, eu cortaria o cabelo e deixaria lá no túmulo. E assim que as dores passaram eu fui até a capela pagar minha promessa. Além dessa pedi pela vida do meu primo que sofreu um acidente de moto e foi despachado pelos médicos, pedi pela melhora dele e caso ele melhorasse eu iria acender 2 maços de vela no túmulo deles.

Essa devota faz uma representação de si ao deixar parte de seu cabelo no túmulo do casal para demonstrar sua eterna gratidão.

Ainda como exemplo de devoção, há os depoimentos de Vanessa Sousa e de Érica Silva (respectivamente):

No ano de 2020, não lembro ao certo o mês, meu irmão sofreu um acidente muito grave, a qual bateu forte com a cabeça e ficou dois dias em coma, do dia do seu acidente até os dias que passou desacordado e mesmo acordado em estado grave no hospital, fiz uma promessa as Almas Sozinhas, onde me apegava a elas e pedia pela melhora do meu irmão. Prometi que se ele melhorasse eu iria as almas sozinhas acender 2 maços de velas e rezar um pai nosso no tumulto do casal, e tive minha graça atendida, e paguei a promessa. (SOUSA, 2020, 24 anos).

Em 2018, tive uma forte infecção no estômago, onde precisei ficar internada uma semana no hospital, nesse tempo eu não conseguia comer nada e me sentia muito mal, foi então que fiz uma promessa às almas sozinhas, prometi que se ficasse boa eu iria acender velas e rezar um terço no tumulto das almas, poucos dias depois de fazer a promessa, a melhora veio e tive alta, assim que recuperada fui até a capela, agradei pela minha saúde e paguei a promessa. (SILVA, 2020, 24 anos).

A entrevistada de Paraopebas, no Pará, que não quis se identificar conheceu a história das Almas Sozinhas por meio de parentes timbirenses e adotou a fé para si, sendo agraciada com um milagre de cura.

Não lembro ao certo datas, mas lembro que eu estava muito mal no hospital e iria precisar amputar a perna, sou diabética e tive um ferimento na perna que não sarou, quando o médico me disse que se não tirasse a perna eu ia morrer, comecei a me apegar com as almas sozinhas, pedi, rezei e fiz promessas, dias depois o médico disse que não precisaria mais amputar a perna. Foi um milagre.

Em sua maioria, os relatos são pedidos pela saúde dos devotos e familiares que muitas vezes encontra-se em estado grave. O dito popular repetido nas entrevistas é que “graças a Deus e não aos médicos”, indicando o apego à sacralização do mundo. Os fiéis têm fé que a divindade é o único que pode curar o corpo, a alma e a mente. Em prova disso, podemos ver as várias partes do corpo esculpidas em madeira que são deixadas diariamente na capela, são moldes de braços, pernas, cabeças, corações e até mesmo representações de corpos de crianças em madeira, assim como sempre há velas acesas no túmulo do casal. Segundo Marilena Chauí,

O milagre é a pedra de toque das religiões populares e de estonteante simplicidade para a alma religiosa e, de jure, inaceitável pelas teologias e apenas de fato por ela tolerado, pois rompe a ordem predeterminada do mundo por um esforço da imaginação. Arrimo da religião popular, o milagre é a verdadeira profanação para as religiões purificadas ou internalizadas – naquelas, Deus é vontade, nestas, razão, primeiro passo na dessacralização do real. O milagre manifesta uma relação estreitamente pessoal entre o poder supremo e o suplicante – único momento que se tem certeza de que o grito, abafado, explodiu e foi ouvido. (CHAUI, 1982. p.79).

Através dos relatos que formam a história dos milagres das Almas Sozinhas, pode se notar que a devoção popular envolve os mais velhos para os mais novos, fazendo com que as diferentes gerações criem memórias particulares e coletivas sobre os mesmos fatos sobrenaturais, compartilhando vivências e experiências de vida. Os fiéis têm ciência de que a

as Almas Sozinhas não são beatificadas e santificadas pela Igreja Católica, mas mesmo sem o reconhecimento da igreja, os devotos acreditam que as almas fazem milagres e que estão junto a Deus e, por isso, suas graças são atendidas.

Diante disso, em uma manifestação do Catolicismo popular, rezam e agradecem ao casal, tendo sua fé fundamentada na memória e nas histórias populares, nas promessas, nos votos e ex-votos e nos terços rezados em famílias e em comunidade.⁵ Segundo Zaluar (1983), o Catolicismo popular é uma religião voltada para a prática terrena. Na religiosidade. Está presente na devoção aos santos que se manifesta por meio dos diversos cultos como festejos e ritos específicos para cada entidade santificada. Sob essa mesma ótica, os fiéis das Almas Sozinhas as consideram milagrosas e expressam suas crenças por meio de manifestações ritualísticas, tais como as orações diante do túmulo do casal, as promessas feitas e pagas com os ex-votos, às peregrinações percorridas e velas acendidas.

⁵ A pesquisa não se dedicou a estudar o catolicismo popular propriamente dito por que sairia do tema do patrimônio e da memória. Para ver sobre o tema: ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**, 1983. AZZI, Riolando. **O catolicismo Popular no Brasil**, 1978. AZZI, Riolando. **O catolicismo Popular no Brasil**, 1979. ANDRADE, Solange Ramos de. **O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo**, 2010. AZEVEDO, Thales De. **O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social**, 2002. GOIS, J. **Religiosidade popular: pesquisas**, 2004. CARMO, S. **Os santos e as imagens na religiosidade popular**, 2013. ZILLES, U. **Lugar e veneração dos santos hoje**, 2007. AQUINO, F. **História da Igreja: A controvérsia das imagens**, 2011. 5 HOORNAERT, E. **A Igreja no Brasil - Colônia (1550-1800)**, 1982. HOORNAERT, E. **Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800: ensaio de interpretação a partir dos oprimidos**, 1991. COMBLIN, J. **Situação Histórica do Catolicismo no Brasil**, 1996.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A manifestação cultural das Almas Sozinhas é um patrimônio imaterial timbirense. Não caberia ao IPHAN um registro desse bem por ter uma repercussão regional. Nesse sentido, a Secretaria de Cultura do Maranhão poderia se interessar em elaborar um dossiê para a sua preservação, porém como a fé no casal e suas expressões, apesar de receber fiéis de outros estados, são especificamente do município de Timbiras, cabendo à Secretaria de Cultura do Município de Timbira essa função. A pesquisa histórica se constitui num passo importante para a salvaguarda das Almas Sozinhas enquanto patrimônio cultural imaterial.

Todos os relatos apresentados até aqui enriqueceram a pesquisa e mostraram como a fé e as devoções se unem e formam identidades por meio da memória preservada e repassada para as diferentes gerações. A história das Almas Sozinhas e dos seus milagres é uma mistura de amor e fé que os devotos sentem e exteriorizam em suas preces diariamente, mas também de uma identidade cultural composta a partir da manifestação regional que extrapola a fé – mesmo aqueles que não acreditam sabem que as Almas Sozinhas pertencem a Timbiras.

Na hora em que o fiel invoca as Almas Sozinhas, que irá interceder por ele diante do pedido da graça, ele firma um pacto entre o sagrado e o profano que se mantém até o momento em que a graça é atendida e o fiel deve cumprir seu voto. Nota-se até aqui que todas as promessas feitas às Almas Sozinhas foram expressões individuais e mentais. Os devotos fazem seus pedidos em suas casas, na capela, em qualquer lugar. O necessitado se concentra e suplica mentalmente para que seu desejo seja atendido. Em silêncio, o crédulo conta seus problemas, suas angústias, apresenta sua história às Almas Sozinhas e, após esse ato, fazer a promessa. Esse é o momento íntimo da fé, porém ao divulgar sua graça concedida, acontece a manifestação cultural patrimonial porque é nessa publicidade da fé e de seus efeitos que o fiel vivencia a experiência coletiva. Sendo assim, essas experiências dos devotos, das promessas, do pedir e receber, assim como da forma de agradecer, representada pelos ex-votos, e a própria edificação como ex-voto do casal são o conjunto patrimonial das Almas Sozinhas.

Podemos afirmar que o patrimônio imaterial está presente no nosso cotidiano, na cultura e na identidade de um povo. Em Timbiras, um dos seus patrimônios é a forma de expressão das Almas Sozinhas, com suas várias versões e seus relatos de graças concedidas. Esse patrimônio imaterial também ressalta a importância da memória e da história oral como metodologia para a produção historiográfica e salvaguarda do patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, J. L. N. (2005). **Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do século XVIII**. Revista Brasileira de História, 25(49), 197-214.

ALVES, Francisco Arnaldo Souza. Entrevista concedida a Kelly Lorrany de Sousa Lima, em 24 de agosto de 2021.

ARAUJO, Joseh Carlos. **Timbiras: uma pérola da ribeira do Itapecuru**. São Luís; UEMA, 2006.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

AZZI, Riolando. **O catolicismo Popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978

BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. **Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9610.htm> acesso em: 30 de novembro de 2018.

BRASIL, Decreto-Lei nº 25/1937, de 30 de novembro de 1997. **Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0025.htm> Acesso em: 30 de novembro de 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF:Senado Federal: Secretaria de Editoração e Publicações Coordenação de Edições Técnicas, 2016, pág. 126

BRASIL, Decreto nº 3.551/2000, de 04 de agosto de 2000. **Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências**. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm Acesso em 18 de março de 2021

BRASIL. Decreto nº 66.967, de 27 de julho de 1970. **Dispõe sobre a organização administrativa do Ministério da Educação e Cultura**. Disponível em < Portal da Câmara dos Deputados (câmara.leg.br) >. Acesso em 21 de julho de 2021.

BOTELHO, Thiago de Pinho. **Milagre que se fez– [manuscrito]: um estudo dos 36 ex-votos ofertados ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas**. Minas Gerais, 2013.

CASTRO, M. L. V. de; FONSECA, M. C. L. **Patrimônio imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008. 199 p.

CONVENÇÃO PARA A PROTECÇÃO DO PATRIMÓNIO MUNDIAL, CULTURAL E NATURAL. UNESCO. 1972. Disponível em < Convenção para a proteção do Patrimônio mundial, cultural e natural (unesco.org) > Acesso 21 de julho de 2021.

COSTA, Marli Lopes da; CASTRO, Ricardo Vieira Alves de. **Patrimônio Imaterial Nacional: preservando memórias ou construindo histórias? Estud. psicol.** (Natal), Natal, v 13, n. 2, ago. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br>. Acessos em 14 jun. 2021.

CPDOC. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. O que é História Oral? Disponível em: O que é História Oral | CPDOC (fgv.br). Acesso em: 27 de setembro de 2021.

CHAUI, Marilena de Souza. **O Discurso Competente e Outras Falas**. São Paulo: Ed. Moderna, 1982. p. 79.

CHOAY, Françoise. **Alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo; Estação Liberdade/Ed. UNESP, 2001, pág. 11.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 64.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 67.

DUARTE, Ana Helena da Silva. **Ex-Votos e Poiesis: representações simbólicas na fé e na arte**. São Paulo, 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes. – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos Da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FERREIRA, Márcia Milena Galdez. **Construção do eldorado Maranhense: experiência e narrativa de migrantes nordestinos em municípios do Médio Mearim-MA (1930-1970)**. 2015.

FONSCECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Imprensa: Rio de Janeiro, UFRJ, IPHAN, 1997.

FROTA, Lélia Coelho. **Promessa e milagre no Santuário do Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas do Campo Minas Gerais**. Rio de Janeiro: SEC/PRÓMemória, 1981. 154 p

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. (orgs). **Memória e patrimônio ensaios contemporâneos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009, p. 25.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. De Frederico Lourenço. Livros Cotovia. Lisboa. 2005.

IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em < Página - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional >. Acesso em 21 de julho de 2021.

IPHAN. INRC - **Inventário Nacional de Referências Culturais: Manual de Aplicação**. Brasília: IPHAN, 2000.

IPHAN. **Programa Nacional do Patrimônio Imaterial**. Brasília: Departamento do Patrimônio Imaterial, 2012.

JESUZ, Viviane Azevedo de. **Viagens de Peregrinação: Devoção, Salvação e outras possibilidades**. ANPUH. São Paulo, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

Livro de Registro das Celebrações - Bens Culturais Imateriais. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em < Página - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional > Acesso em 21 de julho de 2021.

MOTA, Mauro. **Votos e ex-votos: Aspectos da vida social do Nordeste**. Recife: Imprensa Universitária, 1968. 155 p.

OLIVEIRA, Luciane Monteiro; LOURES OLIVEIRA, Ana Paula de Paula. **Problemáticas da Gestão do Patrimônio e Políticas Públicas: A educação naperspectiva de mudança paradigmática**. Juiz de Fora, 2008.

OLIVEIRA, J. C. A. de. (2006, agosto). **Ex-votos da sala de milagres do Santuário de Bom Jesus da Lapa na Bahia: semiologia e simbolismo no patrimônio cultural**. Revista Museu, 1(1), 13-21.

Patrimônio Imaterial. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>> acesso em 06 de dezembro de 2018.

Patrimônio Imaterial: **O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial**. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4, ed. 2006.

Patrimônio Material. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em< Página - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional >. Acesso em 21 de julho de 2021.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental**. In: Revista Brasileira de História. São Paulo 2006, v. 26, n° 51, p.116.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ROCHA, Thaíse Sá Freire. **Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF**. XVIII Encontro Regional (ANPUH-MG), 2012.

SANTOS, B. de S. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Revista Social. São Paulo: USP, 1994, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 1994

SILVA, Antônio Carlos Pessoa. Entrevista concedida a Maria das Graças da Silva Oliveira, em 14 de julho de 2015.

SILVA, Erika Jordana de Sousa Lima. Entrevista concedida a Kelly Lorrany de Sousa Lima, em 29 de novembro de 2020.

SOUSA, Elinalda Reis. Entrevista concedida a Kelly Lorrany de Sousa Lima, em 11 de novembro de 2019.

SOUSA, Vanessa Reis. Entrevista concedida a Kelly Lorrany de Sousa Lima, em 10 de novembro de 2020.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta**. (Trad. Bárbara Heliadora). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

TEIXEIRA, L. C. (et. Al). **O corpo em estado de graça: ex-votos, testemunho e subjetividade**. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 2010, p. 121-129.

UNESCO E MINISTÉRIO DA CULTURA. **Patrimônio imaterial**: política e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda. Brasília, 2008.

VAZ, Francisco Antelius Servulo. Entrevista concedida a Kelly Lorrany de Sousa Lima, em 08 de janeiro de 2021.

VAZ, Márcio Dhiego Borges. Entrevista concedida a Kelly Lorrany de Sousa Lima, em 08 de janeiro de 2021.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ZALUAR, Alba. Os homens de Deus. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.